

A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO II

GERENTE—MANOEL DE OLIVEIRA PAIVA

N. 5

FORTALEZA, 28 DE MARÇO DE 1888.

SUMMARIO

Expediente ;
O avô—AMPHRISIO.
Contradição—J. M. BRIGIDO.
Roubo de 9 contos—MADEMOISELLE
LE...
O anel—PAPI JUNIOR.
Em pleno azul—ALVARO MARTINS.
Conselho—ANNA NOGUEIRA.
Olhos moleques—PERY.
Sciencias naturaes—RODOLPHO THEOPHILO.
Pelo mundo artistico.
Annuncios.

EXPEDIENTE

Assignaturas

Anno 68000
Semestre 49000

Não se aceitam assignaturas por menos de um semestre.

ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facondo 54

O AVÔ

De chambre de chita tamancos de couro de gato e um lenço de ganga com uma tabaqueira presa a uma ponta atravessado no hombro direito, erguia-se da rede o velho jãnjão às 6 horas da manhã, em sua fazenda, e dirigia-se para o curral a ver a tiragem do leite, determinar o serviço do campo, voltando logo depois á casa. onde entrava ralhando com a Joaquina, crioula velha gordanchuda, de saia e camisa de algodão e rodilha amarrada na cabeça.

A crioula, que bem o co-

nhecia, ia fazendo o seu serviço, limitando-se a resmungar, e quando passava a crise cantarolava então francamente as suas quadrinhas sertanejas, dando expansão ao seu natural bom humor. O velho azoïnava se porque não haviam feito o café, dava correíadas no andrajoso moleque de encarquilhado chapéo de couro, por demorar se em abrir a porteira ás ovelhas Murmurava contra o Luiz, que, mui preguiçoso e pachorrento, continuava deitado, só se levantando ás 8 do dia.

O velho era viuvo, e o unico filho que tinha era o Luiz, em quem se concentravam todas as ternuras que manavam d'aquelle coração; mas ternuras eram estas a que o Luiz correspondia entregando-se de toda ás distracções da vida campestre; pois que elle só achava prazer em montar o seu famoso rucinho de longas crinias, em companhia de seus camaradas, ostentando seu uniforme de pelle de veado, a correr a traz do gado que parsia pelas escabrosas brenhas d'aquelles sertões. Só voltava com o cair da tarde, impellido antes pelo termo do dia, que pela fome. E era então que n'um momento de raciocinio, vendo o seu cavallo esbofado e picado de esporas, condoia-se do pobre animal e logo mandava banhal-o e dar-lhe o penso, indo em seguida ao espelho notar as

arranhaduras do rosto, que lhe causavam como que uma satisfação, colhendo elle n'aquillo uma certa prova de sua impavidez

Então o velho, que n'essas horas voltava do curral, olhando o rebanho que assomava ao redor da casa, saturando-se d'aquella atmospheria bucolica, chegava, contrahindo os beiços, em pronunciado signal de sua reprovação ás tropelias do filho, e deitava-se n'uma rede que o esperava armada em dois esteios do alpendre. E de braços voltados por detrás da cabeça, que apoiava nas mãos entrelaçadas, e as pernas cruzadas por cima do punho opposto, lastimava de si consigo que o filho não aproveitasse o grande desejo que tinha elle de instruil-o, pois nem ao meaos lia nenhum dos tantos livros que mandara comprar por quanto negociante ia á capital.

Disfarçava a propria magoa, inquirindo aos vaqueiros pelo resultado das campeadas do dia, no que se entretinha até a hora da ceia.

Luiz, fingindo não perceber as contrariedades do pae, fazia-se muito amavel, sentado n'uma cadeira a seu lado e perguntando-lhe futilidades, a que o velho respondia, constrangido por uma transcendencia de bondades que lhe eram innatas.

Um dia em que Luiz havia sahido aos divertimentos e extravagancias, chegou

inesperado, em companhia de um amigo seu, ao mais lento passo do seu rucinho, com um braço fracturado e soffrendo atrozes dores.

O velho via-o de longe, cachimbando encostado á janella de seu quarto, em cuja seja comprimia o peito e apoiava os cotovellos, com a cabeça pendida e sustentada pela mão esquerda, em quanto com a direita segurava o comprido cachimbo.

Luiz, auxiliado por seu companheiro, apeou, fazendo contracções e dando gemidos. Para tirar o gibão, foi preciso partir a manga a canivete, porque o braço não podia dobrar. O Neco, seu companheiro, depois de tel-o auxiliado e accommodado com todo o desvelo, foi, a pedido d'elle, levar o facto ao conhecimento do velho, que apparentou indifferença e respondeu que não lhe causava admiracão. Já achava que tardava. Mas que se arranjas e como podesse.

O amigo de Luiz conservou-se de pé, ouvindo depois o velho ordenar a um moleque que a toda brida fosse chamar o compadre Totonho para vir encanar o braço do Luizinho, ao que acydiu o moço, pedindo ao velho que o deixasse ir em vez do moleque, visto como faria empenho n'isso.

Meia hora depois estava o Neco de volta trazendo o curandeiro.

Ao golpe de sua egua alazã acompanhada de um poldrinho esbaforido, o velhinho, com a sua alva camisa e assuas calças de algodão da terra, punha no chão os pés mettidos n'uns chinelões de sola. Deu os muitos bons dias ao compadre, com o seu chapeo de couro de abas curtas debaixo do braço

e o inseparavel facãozinho atado á cintura e significoulhe o quanto vexou-lhe o acontecido.

De caminho para a camera do doente já o facultativo indigena ia indicando á tia Joaquina que fosse preparar sem demora um xarope de mentruz, porque esta herba tem a virtude de ir ter á ferida etc etc.

O Luiz estava sentado na rede com as pernas para o chão, o braço esquerdo dobrado debaixo da cabeça, que tinha reclinada, e o direito abandonado ás dores da fractura. O curandeiro bateulhe carinhosamente no hombro, animou-o, e entrou em obra. Em breve tempo, servindo de ajudantes a preta Joaquina e o Neco, estava completa a feliz operação. E não tardou que o operador, tendo enrolado no lenço os velhos patações que o compadre lhe deu para o café, tornasse aos seus lares no galope tungão de sua egua alazã.

O pae visitou o filho depois que sahiu o curandeiro. Não conseguiu dasfarçar a pertubação interior no seu semblante grave. O doente, muito aberto a caricias, respondia-lhe que estava mais aliviado. E d'ahi, na convalescença, entrou a ler, talvez para matar o tedio, talvez para agradar ao pae. O caso é que o Luiz ficou *demudado* como dizia a boa tia Joaquina na sua geringonça de linguagem. Ora lia grammatica, ora os Luziadas, ora a Missão Abreviada, livro muito encarecido por seu pae, e varias outras obras. Depois da convalescença, como que tendo perdido os habitos das anteriores estravagancias, o seu maior divertimento era ficar em casa jogando a bis-

ca e outros jogos semelhantes e aos domingos ir ouvir a sancta missa na povoação com seu pae.

Era que elle, quando estava cabido, fora visitado por sua tia acompanhada d'uma sua priminha, que, sentada quasi por detraz da sua mãe, toda coradinha, com o lenço na bocca, feriu deveras o coração do rapaz. O Luiz recorrendo á intervenção da preta Joaquina, esta obteve da priminha a certeza de que o amava; e assim, pouco tempo depois, realisou-se o casorio, e o antigo peralta assumia a direcção da casa.

Tempos depois vindo o vigario em desobriga, deu estrepitosa gargalhada, vendo o carrancudo major Janjão sentado n'uma cama de pelle de boi, batendo n'uma lata de flandre, todo cahido por um pequerrucho, que se lhe agarrava, na barba hirsuta, nusinho, fazendo por se ter em pé, sem que ainda seus fracos musculos o permittissem...

Quanto mais o vigario visse no dia em que o caduco avô descobriu o primeiro dente do netinho... E apertando-o contra o peito, fazendo-o espirrar com o cheiro do fumo e do torrado que exhalava.

E o velho applicava os labios sumidos na espessa barba, em prolongados beijos sobre as teuras faces do bebé.

AMPHRISIO

CONTRADICÇÃO

(Transcripto)

No jardim fresco e aprazível que está adherido á casinha embalsamada pelas flores, viva e branca como jas-

pe, estavam uma vez dois irmãos, sentados no batente do portão que dá para a estrada.

Um, pequeno, louro, a boquinha corada semi-aberta, apontava para cima, o outro — desses seis annos — pallido, de cabellos negros, a fronte erguida, seguia com a vista a direcção do seu pequenino dedo.

Olhavam para uma borboleta que adejava no volante azul e transparente do espaço, ora subindo e descendo, batendo as ligeiras azas tremulas e douradas, ora voando para os lados, fendendo os ares como uma sylphide.

— Ah! si eu fosse uma borboleta, disse a creança loura.

— Eu não, disse o rapazinho, eu não a queria ser nem um minuto; porque as andorinhas não a poupam. Aquella não escaparia, si porventura uma por alli passasse...

Nisto o vento impelliu o animalzinho volátil que aproximou-se da estrada por onde vinha passando uma mocinha muito linda, coberta de cambraia e de fitas. A brisa soprou com violencia, e a borboleta voou de encontro á face rosada da gentil rapariguinha, onde pousou um momento, como se estivesse a beijal-a.

— Ah! — disse o rapazinho, quasi comsigo, fitando-as embevecido — ah, si eu fosse uma borboleta.

J. M. BRIGIDO.

(Da *Gazeta do Norte*)

Roubo de 9 contos.

Acaba de ser perpetrada uma surrupiação de varios contos de subido valor, a

uma gentil menina Temos para nós que se trata de um furto; como, porém, os srs leitores são naturalmente exaggerados, puzemos na epigrapha a palavra *roubo*. Outros sim, não garantimos que sejam somente nove contos; é provavel que venham a ser innumerados; dos quaes entretanto o gerente que é uma especie de inspector deste quarteirão litterario está de posse de quatro. Um d'elles vae em seguida a esta noticia de effeito.

Os srs. tenham a bondade de folhear o, de tel-o, de interpretar-o, e estamos certos de que quem possue uns contos de tanta verdade, de tanto doçura, de tanta espontaneidade e pureza, não precisa de mais nada n'este mundo.

Os referidos contos foram furtados á propria auctora, o ladrão nós não diremos, e ella si quizer que dê queixa; pois qualquer que seja a sentença nós appellaremos para tribunal da posteridade.

O primeiro é o seguinte:

*

EM UMA NOITE DA LUAR

Estavamos no sitio denominado S. uma legua distante da capital.

No relógio proximo acabara de soar meia noite

Recostada á janella do meu quarto, eu contemplava embevecida o formoso quadro que se offereceu a minha vista.

A lua, que estava então no seu apogeo, estendia sobre a terra um vastissimo lençol de luz. As estrellas como ofuscadas por tanta belleza, escondiam-se tremulas por tra: das nuvemzinhas brancas que passavam Alguns raios de luar vinham dispersar-se por sobre a superficie

crespa de um pequeno lago que ficava pouco distante da janella.

As laranjeiras plantadas na frente da casa alastravam o terreiro de flores que embalsamavam o ar. O silencio da noite era apenas interrompido por um murmuro confuso de pequeninos insectos.

Que suavissimas sensações despertava em minha alma aquelle espectaculo arrebatador!

Já se passaram annos e eu me lembro ainda como se fosse hoje.

E como eu era feliz então!

Minha existencia deslisava-se até ali placida e risonha, ao lado dos entes que mais amava no mundo, rodeado de carinhos e das mais puras affeições.

N'aquella occasião não me passava na mente a mais ligeira nuvem de tristeza. Mas de subito o vento da meia noite, soprando com violencia por entre a folhagem dos coqueiros, soou-me lugubrememente aos ouvidos. Estremecei involuntariamente. Aquelle incidente produziu em mim a sensação de um gemido angustioso no meio de um festim.

Pela primeira vez senti o coração opprimido por um sentimento extranho, inexplicavel. Seria um presentimento?

Hoje, que a mão implacavel da morte já tem me roubado alguns d'aquelles seres estremecidos, conservo ainda d'aquella noite uma recordação inextinguevel, e de cada vez que ouço soprar o vento frio da meia noite, sinto invadir-me o coração uma pungente saudade do passado e um vago receio do futuro.

MADemoiselle ***

N. B. — Isso não é um conto, isto é poesia em prosa. O nome d'aquella delicada organização feminina, nós os sabemos. Mas preferimos deixal-o occulto n'aquellas tres estrellas. Elle está mesmo no rol d'aquelles que poderão ser escriptos com estrellas no azul intermino da immortalidade, si a dona quizer proseguir na sua accentuada vocação litteraria.

O ANNEL

(Conto da Carochinha)

I

Nos tempos medievaeis uma princeza,
De antiga estirpe e velha realza,
Pallida e morena,
Habitava o solar dos avoengos,
Uns velhos realengos
Cavalleiros andantes das cruzadas..

O castello, de ameias iriadas
Pelas radiações noctivagas da lua,
Tinha a forma de nuvem que fluctua
Argentada e opalina.
Serpeando as orlas da colina,
Erguia-se o solar,
E na penumbra sombria das arcadas,
Qual nos cantos lendarios, nas balladas,
Vinhão dançar as sombras do luar.

Recurvado, nas dobras do poente
Sahia do solar, alvinitente,
N'uma nesga anilada do espaço,
O secular terraço,
Antiga construcção de antigos lustres
Contornado de fossos e de vallas,
E por entra o gradil dos balaustres
Da ciazza cõr marmorea das opalas,
Fugião trepadeiras
Subtis, emmaranhadas e ligeiras,
Novelladas em ondas de serpentes.

Os perfumes suaves e attraentes,
Tresloucavam dispersos nas campinas;
E um cortejo de lirios e boninas,
Suavemente, á noite,
Em morna calidez, em tenue agoite,
Como um bando de loucos namorados,
Vinhão trazer os collos perfumados
Ao suavissimo, terno e doce abraço
Dos perfumes aspersos no terraço.....
.....e, pelos campos.....
Um punhado de ardentes pyrilampos
Iam subtis, aligeros vagando,
Os negrumes da noite constellan lo.....

II

A formozza Princeza tinha um pagem,
De obscura linhagem
De altivo olhar e fronte scismadora,
(Era estribeiro da real senhora.)
Diziam que era bello e altaneiro.
Tinha plumas recurvas no sombrero
E as vestes golpeadas.
Typo antigo das lendas e balladas,
Erradio cantor das cercanias,
Entre as sombras do luar nas noites frias,
Lyrico e singelo,
Ia cantar umas canções doridas,
Suaves, melancholicas, sentidas
Em torno do castello.

N'uma doce manhã
A morena castellan,
Sentada pensativa no terraço,
Fitava no ridente azul do espaço
Os raios louros da rubente aurora.
O pagem se aproxima e diz: senhora...
... e callou-se.

Fallai, disse a Princeza.
O pagem continuou; mas com firmeza:
Esta noite, senhora tive um sonho,
Tão bello, purpurino e tão risonho,
Que minh'alma inda soffre por sentil-o!
Quercis ouvil-o?...

Dizei, sou indulgente.
Sonhei que vos amava loucamente,
E que, juntos em nuvem vaporosa,
Como pet'las unidas de uma rosa
Iamos alem, risonhos e suspensos,
Aos paramos azues, fundos, immensos,
Fazer co'as rubras gazes do arrebol
Um ninho ardente nos beiraeas do Sol!...

Mas depois...
Veio a descrença lúrida, penivel,
Atirar-me nos antros do impossivel!...

Matê-me este sonho; mas senhora,
Vós que tendes os labios cõr d'aurora,
E a alma feita dos brilhos das estrellas
Acceitae dentre as flores mais singelas
De meu siderio amor,

Este penhor,
Si não quereis que eu caia fulminado
No abysmo aberto e fundo do vallado!...
E erguendo o braço
Deixou cahir-lhe na onda do regaço
Um pequenino annel.

Jamais serei cruel!
Disse a Princeza: fica entre meus dedos
A lembrança fatal de teus segredos!
Ide-vos.
Elle partio levando o desconforto
Do Deus pungido que morreu no Horto.

Mas a noite em seu leito perfumado,
Cheio de seda, gazes, e brocado,
A hora em que o luar corria incerto
Na sombra das arcadas encoberto,
A Princeza escutava pensativa,
Tremendo como treme a sensitiva,
As volatas penosas
Que vinhão de bem longe, dolorosas,
Como um echo dorido do passado
Do pagem namorado

III

Mas o tempo passou. Em uma tarde,
Em que tudo se abraza e a terra arde
Ao sopro fulminante das nortadas,
Do solar descerram se as portadas
Para sahir lusidia comitiva
Ia n'ella a Princeza,—fronte altiva,
Olhar profundo, pallida e morena,
E achegando se ao pagem; mas serena
diz-lhe:

Adeus! ...

E na setinea mão, pequena e delicada,
N'aquella mão tenuissima de fada,
Não se via luzir por entre os dedos
O anel fatal, o escripto dos segredos
Do pagem fulminado.

No horizonte cahia o sol doirado,
E pouco a pouco, a noite densa escura
Punha trevas profundas na espessura
Qua a lua tateava.

E nas grimpas que o abysmo levantava
Entre os fossos profundos do vallado,
De pé, sombrio, o pagem deslumbrado,
Nas trevas do lyrismo errante e cego
Via mysterios no insondavel pego.

Veio a manhã, a luz, a claridade

E com o ridente azul da immensidade
Umás notas plangentes, insonoras,
Laivos de sangue nas lucidas auroras.....

Vierão novas flores p'ras campinas,
Outras manhãs formosas diamantinas.
A luz, o sol, os lirios, os perfumes,
Novo luar e novos vagalumes,
Prados risonhos, bosques veridentes
Tudo voltou em bandos surprehendedentes!
Mas baldado!!...

Jamais reapareceu nas cercanias
Entre as sombras do luar nas noites frias
O pagem namorado!.....

PAPI JUNIOR

Ceará, 2 março 88.

EM PLENO AZUL...

(A MEU IRMÃO AUGUSTO MARTINS.)

E' doce contemplar os esplendores
Pestas olympicas manhãs cheirosas,
Em que os lirios gentis e as brancas rosas
Derramam sobre a terra os seus odores.

Em quedo arvoredado entre os verdores
Cantam aves de novo; e, harmoniosas,
Enchem as selvas de cauções ruidosas,
As canções maviosas dos amores.

Vamos, senhora, percorrer a trilha
Destes campos em flor, onde já brilha
Da primavera o divinal sorriso...

Nestes dias é doce amar, querida,
Porque para os que amam nesta vida
O mundo é um verdadeiro paraizo.

ALVARO MARTINS

Ceará - 1888.

CONSELHO

A Affonso

Esquece, esquece o mal que te pungia,
Canta e sorri pela existencia a fora,
Longe de ti todo o pezar de out'ora,
Não queiras mais a dor que é tão sombria!

Bebe o prazer, o vinho da alegria
Na luz celeste que te vem da aurora,
Ouve a canção suave e tão sonora
Que as aves cantam ao romper do dia

Canta tambem... e vai pelas estradas,
Irás gozando as brisas perfumadas,
Ouvindo alem dulcissima canção

Olha, ao grande contacto da natura
Foge o pranto, o pezar, a dor escura,
Canta alegre e festivo o coração.

18 de Março--88

ANNA NOGUEIRA.

OLHOS MOLEQUES

(DAS CECILIAS)

Os moleques dos teus olhos
deram tal troça nos meus,
que estes, fugindo, nos folhos
entraram dos seios teus,

Mas proseguindo a contenda,
teus olhos de amor armados
arrancaram d'entre a renda
os meus olhos malcriados!

E travou-se desta sorte
uma luta desigual...
— Combate de vida e morte!
— Uma batalha campal!

Tal que aparteí-os por medo,
por... prudencia habitual...
que do excessivo brinquedo
— baixassem... ao hospital.

PERY.

SCIENCIAS NATURAES

OS VOLCÕES.

A noite havia cahido e
encontrado-me no alpendre da
vivenda em minha cadeira
de descanso á digerir es-
tupidamente o jantar.

Como é encommodoum es-
tomago dyspeptico!

Emquanto eu na mais in-
toleravel apathia fazia o tra-
balhoso chimo da ultima re-
feição, minha companheira
já tinha passeado na horta e
colhido tomates e cenouras.

O trabalho muscular nada
influiu em sua digestão!

Voltando do passeio elle sentou-se a meu lado e olhando para leste entretinha-se com as linguas de fogo vomitadas pelo forno de uma olaria vizinha.

O fumo em nuvens, espessas elevava-se do espaço e de quando em vez uma labareda subia, como querendo acompanhar ás regiões ethereas o vapor que o calor subtil fizera.

—Olha o forno da olaria como vomita fumo e fogo, meu amigo. Se fosse com vezes maior seria um espectáculo sberbo. A luz de suas chammas illuminaria um espaço de muitas leguas.

—Seria um volcão, mas inoffensivo.

—E o que são os volcões!

—Conductos que atravessam a parte solida do globo, ou crosta terrestres, e levam a atmosphera as materias incandescentes do centro da terra.

—E o centro do globo não é solido como a sua superficie?

—Não. A crosta da terra sobre a qual habitamos com 50 kilometros de espessura pouco mais ou menos cobre um oceano de fogo, um oceano de materias incandescentes e liquiefeitas pela fuzão.

—E a terra foi sempre assim?

—Ella passou por um periodo igneo, isso é houve um tempo em que toda a sua massa formava um globo de fogo que ardia no espaço.

—Mas a Biblia não diz isto?

—Nem tambem diz o contrario. A criação do mundo em seis dias, não se deve entender dias, mas epochas. Uma das epochas foi o periodo de fuzão ignea, um dia que durou seculos!

Completa a cambustão, fundidas todas as materias entrou a terra no periodo do resfriamento. Solidificaram-se as primeiras camadas, ficando envolvidas por uma tenue crosta as materias ainda abrazadas

Algumas substancias como o silicato de alumina, difficilmente fuziveis, começaram a mudar de estado, a se solidificar, graças a perda de calor, perda essa devida ao calor emittido para o espaço. A terra era como vimos um globo de fogo envolvido n'uma camada espessa de vapores. O abaixamento da temperatura a superficie do globo havia permittido a materia de tomar o estado solido, agora ella pela maior cohesão de suas moléculas separadas, era intermediaria de dois oceanos fluidos um de vapores rodeiando o globo, outro liquido mas em ignição no centro do mesmo globo. A geologia está de accordo com a Biblia. *No primeiro dia, diz ella, creou Deus o ceo e a terra. Mas a terra estava vazia e involta em trevas e coberta de aguas profundas.*

E disse Deus; «Haja luz» E houve. Era justamente o estado da terra, vazia, pois a vida era n'ella impossivel: coberta d'agua, pois os vapores haviam com o resfriamento da crosta se resolvido em chuva desaparecido o ceo occupado por uma atmosphera propria á vida organica, transparente e accessivel a luz que pela primeira vez chegava a terra.

—E quem pode afirmar que a terra foi uma esphera de fogo e que ainda hoje em seu seio existe fogo?

—A geologia prova isto de um modo irrecusavel.

Basta o simples estudo das rochas que constituem a crosta terrestre para ficarmos convencidos de que a criação da terra teve um periodo igneo. Quanto ao calor do centro do globo estão ahí os volcões, os tremores de terra, as fontes thermaes, o crescimento da temperatura a proporção que caminhamos para o centro da terra para provar a luz da evidencia, que existe fogo no seio da esphera terrestre.

—E' grande o numero dos volcões?

—Existem talvez duzentos em todos os continentes, como valvulas de segurança abertas pelo Creador afin de prevenir grandes cataclysmas.

—O que pode prevenir um volcão?

—Grandes desordens a superficie do globo. Imagina o centro da terra em perfeita ignição, materias abrasadas a ferver, gases a se produzirem, e tudo isso em um espaço hermeticamente fechado e fechado por uma parede de kilometros de espessura como é a crosta terrestre.

Mas se é forte a massa de rochas que a forma, mais forte é o gaz, o gaz na quantidade de muitos trilhões de trilhões de myrialitros, cuja força expansiva encontrando um obstaculo venceria-o determinando o arrebetamento da crosta terrestre.

—Mas faria uma ruptura parcial?

—Isso depende do volume do gaz e da rezistencia do obstaculo á vencer. Podemos considerar as erupções dos volcões como cataclysmas parciaes e agentes preventivos de um cataclysmo geral. Para provar que elles previ-

nem males maiores é preciso que saibas os prodomos das erupções volcanicas.

Os volcões são precedidos de tremores de terra mais ou menos violentos; o solo eleva-se muitas vezes em um vale apparece uma montanha. As convulsões continuam e um bom dia no cume da montanha apparece um pequeno monte de forma conica, cuja eminencia abre-se em um orificio de maior ou menor diametro e chamado *cratera*. Formado o volcão e aberta a cratera são por ella vomitadas do centro do globo, gases, materias fundidas e incendiadas.

—E os volcões estão sempre em actividade?

—A erupção, pois é chamado assim o periodo de actividade do volcão não é cõntinua. Mezes e annos se passam sem que um volcão dê signal de vida. A erupção é entretanto annunciada não só por tremores de terra como por detonações mais ou menos fortes no seio da montanha.

O perigo é eminente para os seres vivos que por imprudencia ou ignorancia ouvindo os primeiros signaes de alarma não se afastam d'aquelles sitios. Cessam as convulsões do solo ao mesmo tempo que da boca da cratera um vomito enorme de uma materia incendiada viscoza sahe e derrama-se pela montanha abaixo alagando o valle como uma inundação de fogo. Emquanto a lava carbonisa no valle os seres organisados que encontra, no espaço uma chuva de cinzas, de pequenos fragmentos incendiados, semelhantes ao fogos de artificio mata os seres vivos que encontra em sua passagem. A vida desaparece em poucos

instantes d'aquellas paragens aniquilada pelo incendio, que tudo desorganisa.

Quaes são os volcões mais importantes?

—Na Europa, o *Hecla*, o *Vesuvio*, o *Etna* e o *Stromboli*; na Africa os da ilhas Canarias e Bourbon; na Asia, Kamtchattca; na America os do Mexico e dos Andes.

—E o calor central da terra só pode ser provado pela existencia dos volcões.

—Pode tambem pelo augmento de temperatura que notamos todas vezes que caminhamos para o centro da terra. As variações de temperatura observadas em diferentes pontos do globo, devidas a climas e estações deixam de se fazer sentir a uma fraca distancia no interior da terra. A media de nossa temperatura é 25.º centigrados, mas a 25 metros de profundidade na terra as variações acuzadas á superficie do solo pelo thermometro no inverno e verão ahi não se fazem apreciar. As experiencias tem provado que a partir da superficie para o centro do globo o thermometro centigrado sobe um grão de 33 em 33 metros. Estã pois provado que o augmento de calor de um grão por 33 metros dá em resultado na base da crosta terrestre uma temperatura superior a dois mil grãos, temperatura mais que sufficiente para fundir todos os corpos conhecidos.

—Nas zonas frigidias o calor central deve servir muito aos seus habitantes, não é assim?

—Instinctivamente os habitantes dos polos o aproveitam. Os esquimaus, infelizes condemnados á habitar um solo de gelo procuram nas profundidades da terra

a immunidade contra um clima que os obriga a uma vida desprezivel de animaes inferiores.

O relógio havia muito tempo dado nove horas, as palpebras somnolentas se fechavam, havia chegado o tempo de reparar as perdas do organismo durante o dia com o somno e nos recolhemos para dormir.

Alto da Bonança. Setembro de 1887.

RODOPHO THEOPHILO

Pelo mundo artistico

Em fins do corrente mez apparecerá em volume, no Rio, o *Inferno, da Divina Comedia* tradução terminada em 1882 pelo fallecido poeta José Pedro Xavier Pinheiro.

É uma tradução muito adstricta á forma de Dante, e talvez a melhor em portuguez.

Alberto Nepomuceno, nosso antigo correspondente artistico no Rio, só estará aqui para 10 de Abril.

Deve ter iniciado uma serie de concertos em um dos theatros da cõrte.

Uma revolução na arte de pintar.

O sr. Lacaze, pintor, acaba de descobrir um processo que fixa o *pastel* sem nada lhe fazer perder da sua frescura e do seu colorido.

A sociedade de *pastellistas* franceza, decidiu em sessão de 11 do passado, adoptar e patrocinar oficialmente o novo processo.

Guy de Maupassant dirigiu ao *Gaulois* uma carta em

que protesta energicamente contra os cortes e supressões que a redacção do *Figaro* fez a um seu estudo sobre o romance moderno, estudo ali publicado Guy de Maupassant declara que vae intentar uma acção contra o referido jornal.

« Não é o procedimento inexplicavel do *Figaro* no que me diz respeito—acrescenta o romancista—que me decidi a intentar acção contra elle, mas o desejo de mais uma vez fazer proclamar o direito absoluto que tem todo o escriptor de defender a sua ideia, seja qual fôr o seu valor, de quaesquer *tripatouillages* possiveis.»

Segundo lemos em uma folha, Coquelin, o celebre actor francez, anda ha mezes em peregrinação, tendo chegado até Constantinopla, onde, ao dizer da imprensa, foi litteralmente *crivado* de conderações.

De volta da capital turca, deu uma representação a bordo do *yacht* do grande milionario americano Vanderbilt. Os espectadores eram unicamente o sr. e a sra. Vanderbilt.

Esta recita foi paga ao artista francez pela *modica* quantia de 6:000\$000.

Gounod vai escrever uma nova opera com o titulo de «Carlota Corday». O poema, imitado do drama de Ponsard, é de Ennery e Silvestre. A nova composição do maestro do «Fausto» será cantada em Paris, em 1889. Os principaes interpretes, designados pelo maestro, serão a cantora Hauss e Talzac.

() «Bonheur conjugal», de Valabrégne, acaba de obter

um successo doido no Havre, onde fizeram á celebre comedia, uma das mais brilhantes do moderno repertorio francez, uma estrondosa ovacção

Hippolyte Rollot acaba de publicar um novo volume de versos com o titulo: «Les chants de la vie». O author tem recebido as mais significativas cartas dos primeiros escriptores francezes: Augier, Claretie, Daudet, Zola, Bourget, Pailleron, Cladel, Sully Prudhomme e Luiz Ganderax, que escreveu ao poeta: « A sua poesia é a que eu esperava ha doze annos.»

Zola, o grande e admiravel naturalista da «terre», esta escrevendo um romance moral, penetrado de idealismo. O romance do chefe da escola naturalista é dedicado á filha do editor Charpentier.

Madame Hector Malot é a autora do novo romance «Folie d'amour», vibrante de modernismo e de requintada sensibilidade, reflectindo, com um estranho poder de intuspecção, as lutas, os sentimentos, as angustias de um coração, profundamente apaixonado.

ANNUNCIOS

GUILHERME ROCHA & C.^a

Drogaria



Drogaria

17 RUA FORMOZA N.º 17

J. WEILL & C.^a

A mais antiga casa de JOIAS desta provincia tem sempre escolhido sortimento de tudo que diz respeito a

JOALHERIA

RELOGIOS de todos os generos. Compram sempre ouro velho e moedas.

CEARA

70—RUA DO MAJOR FACUNDO—70

Pharmácia Albano

GRANDE DEPOSITO DE

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas nacionaes e estrangeiras.

Sortimento completo de homoeopathia em tintura, globulos e cartelas. Receitas a qualquer hora. Preços modicos.

36—RUA DA BOA-VISTA—36

Motta Vieira & C.

88—Major Facundo—88

FORTALEZA

Importadores e exportadores

LIBERTADORA

48—Rua da Boa-Vista—48

Este immenso estabelecimento sem duvida é o mais notavel na provincia, e que com o systema adoptado até hoje, de vender com insignificante lucro, e servir a todos os seus frequentes com rigoroso esmero conquistando; assim, a mais plena confiança; recebe-se mensalmente de Paris o que ha de primoroso em FAZENDAS, MODAS E NOVIDADES. Vende suas mercadorias por preços quasi impossiveis, merecendo assim a **Popularidade e sympathia** do muito illustrado publico cearense, especialmente das Exm.^{as} Sras. Contando cinco annos de existencia este notavel estabelecimento, cujas vantagens são aliás reconhecidas por seus proprios collegas, seus proprietarios não tem pouado esforços para melhorar cada vez mais o seu systema em proveito geral, tendo sempre sortimento profuso e escolhido de tecidos do mais apurado gosto e novidade.